

A FILOSOFIA COMO SABER INTERDISCIPLINAR NA EPISTEMOLOGIA DE HÍLTON JAPIASSU

Constança Marcondes César
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

1. INTRODUÇÃO

Nascido no Maranhão, doutorado na França com tese a respeito de epistemologia interdisciplinar, professor de Epistemologia e Filosofia da Ciência na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Japiassú representa, no Brasil, a ponta de lança de uma reflexão que — inspirada nas epistemologias históricas de Bachelard, Canguilhem, GUSDORF; na epistemologia genética de Piaget e na epistemologia heurística de Ricoeur — surge como alternativa à epistemologia dominante, em nosso país, de cunho neopositivista.

Procuremos apontar em que assistiu a intuição original da filosofia de Japiassú, bem como as suas teses centrais, a fim de estabelecer a medida da importância dessa epistemologia para o atual pensamento brasileiro.

2. O PONTO DE PARTIDA DA EPISTEMOLOGIA

A primeira obra significativa do autor, **Introdução ao Pensamento Epistemológico** foi publicada em 1975, tinha por objetivo oferecer uma visão das principais teorias epistemológicas contemporâneas, através de estudos dos autores: Piaget, Bachelard, Popper, Foucault¹.

Sua preocupação fundamental foi “a de **situar** os problemas tais como se colocam ou se omitem, se resolvem ou desaparecem, na prática efetiva dos Cientistas”². Tratou de, expondo teses conflitantes, mostrar as suas diferenças e os seus pontos comuns, quanto ao objeto, métodos e perspectivas que inauguram. Esse denominador comum foi “um caráter deliberadamente não-positivista quanto às suas concepções de ciência”³.

Japiassú negligencia a epistemologia do empirismo lógico, porque esta, segundo o nosso autor: a) já teria sido bastante estudada; b) atém-se à descrição dos métodos e da linguagem da ciência; c) não faz a crítica das implicações sociais da ciência, nem de sua história.

Enfatizando a epistemologia histórica como seu ponto de partida, Japiassú faz suas as palavras de Bachelard: “É tomando as ciências em sua ‘historicidade’, que se elabora a crítica epistemológica da ciência(...) A história das ciências é um tecido de juízos implícitos sobre o valor dos pensamentos e das descobertas científicas. O papel da epistemologia é explicitá-los”⁴.

3. CIÊNCIA E FILOSOFIA

Distinguindo entre ciência, saber e epistemologia, nosso autor entende pelo primeiro o “conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos”, organizado, transmissível por ensinamento; por ciência, “o conjunto das aquisições intelectuais (...)”. Epistemologia, para Japiassú, é “o estudo metódico do saber”, havendo “três tipos de epistemologia”⁵: a global, que trata da totalidade do saber; a particular, que leva em conta um campo particular da ciência ou de saber racional ou religioso; a específica, que estuda “uma disciplina(...) mostrando sua organização(...) e relação que ela mantém com as demais disciplinas”⁶.

Nosso filósofo trata ainda da epistemologia **interna**, que consiste na crítica dos fundamentos de uma ciência e da epistemologia **derivada**, que discute como o saber, em determinado campo, é possível.

Todo saber científico é precedido por um saber não-científico, um pré-saber, constituído por “opiniões primeiras”, que comportam erros, obstáculos epistemológicos, os quais, para serem superados, exigem rupturas epistemológicas, vigilância, “uma atitude reflexiva sobre o método científico, isto é (...) atitude que nos leva a apreender a lógica do erro, para construir a lógica da descoberta científica como polêmica contra o erro(...)”⁷.

Na perspectiva de uma epistemologia histórica, Japiassú faz apelo “à categoria de **recorrência epistemológica**”, com a finalidade de compreender “o devir real de uma ciência”⁸.

O fundamento dessa concepção de ciência é, claramente, em nosso filósofo, a epistemologia bachelardiana, amplamente citada e cujas categorias mestras aparecem no texto em questão⁹. A classificação dos tipos de epistemologia lembra de perto a tentada por Piaget, no seu **Logique et Connaissance Scientifique**¹⁰. Epistemologia genética, epistemologia histórica; ambas, modalidades das correntes de epistemologia interna das ciências. As duas, pois, enraizadas na linha da epistemologia crítica e adotadas por Japiassú.

Pondo em evidência as dificuldades da epistemologia em erigir-se como disciplina autônoma e determinar os limites de sua investigação, nosso filósofo postula como “uma das exigências fundamentais de qualquer olhar crítico e reflexivo sobre as ciências”(...) ¹¹.

Partindo da definição etimológica da epistemologia; evidenciando a conexão entre a recente criação da palavra e o aparecimento de novas condições para a filosofia e a ciência, no fim do século passado; mostrando que a epistemologia está enraizada no solo filosófico e que, no entanto, tem a ciência por objeto, Japiassú a conceitua como uma discipli-

na que faz a crítica da prática científica, no seu processo, discutindo-o diacrônica (epistemologias genéticas) ou sincronicamente (epistemologias não genéticas).

A epistemologia assim compreendida “se situa na **intersecção** de (...) disciplinas (...) diversas”¹²: a filosofia das ciências, que se pergunta **em que condições a ciência é possível**; a história das ciências, que reflete sobre a **historicidade** essencial do objeto das ciências; a psicologia das ciências, que discute **em que condições o conhecimento é possível** e como crescem os conhecimentos; a sociologia do conhecimento, que aponta a **ruptura**, entre o saber científico e o saber comum, e estuda o fundamento **ideológico** das teorias científicas; a sociologia da ciência, **que exhibe as relações** entre ciência e sociedade.

“Daí seu caráter de disciplina **interdisciplinar** (...) cabe à epistemologia perguntar-se pelas relações existentes(...) entre as diversas ciências”¹³.

A abordagem crítica das principais epistemologias contemporâneas foi efetuada por Japiassú de modo que põe em relevo a contribuição de cada uma à interdisciplinaridade. A epistemologia genética de Piaget faz colaborar psicólogos do desenvolvimento, lógicos e cientistas, em pesquisas cujo enfoque multidisciplinar permite, no caso das ciências humanas, por exemplo, alcançar seus mecanismos comuns. Contra o positivismo, Piaget busca uma aproximação entre ciência e filosofia e sua contribuição consistiu em elucidar a atividade científica a partir de uma psicologia da inteligência¹⁴; entretanto, segundo Japiassú, “ela se inscreve no prolongamento da tradição positivista”¹⁵, uma vez que se apresenta como epistemologia **interna**, que surge da própria atividade científica, quando esta se interroga a respeito do próprio fundamento. E mais: como uma epistemologia que encara a ciência como **neutra**, autônoma e pura, ao contrário do nosso autor, que procura explicitar em obras como **O Fim da Neutralidade Científica**¹⁶, **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**¹⁷, **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**¹⁸, e ainda na “Apresentação”, escrita para os textos de Ricoeur, que organizou¹⁹, a íntima relação entre ciência e sociedade, dizendo: “(...) as pesquisas científicas estão substancialmente integradas à Sociedade (...) a questão que se coloca (...) é onde está a ciência?”²⁰.

Daí o nosso autor leva a efeito um exame da epistemologia crítica, apresentada, como uma epistemologia feita pelos próprios cientistas, dizendo respeito às implicações sociais da ciência e tendo como objetivo apontar “uma das questões de nossa cultura”²¹. Essa questão consiste na interrogação acerca do significado, alcance e valor da ciência; da não-neutralidade desse saber: “o que a **epistemologia crítica** pretende

mostrar é que (...) o conhecimento científico se torna cada vez mais um poder (...)”²². Essa vinculação entre ciência e poder, marca hoje as ideologias científicas e tecnocráticas; desvendar o caráter ideológico de todo saber é a tarefa que essa epistemologia se propôs. Voltaremos adiante a examinar esse assunto.

A epistemologia histórica de Bachelard, também se opõe à epistemologia positivista, interroga-se a respeito das relações entre ciência e sociedade, e entre ciência e filosofia, pondo em evidência a marcha do espírito em direção a uma crescente racionalidade, e a uma poética. Essa epistemologia oferece uma visão total do homem, considerado uma síntese de razão e imaginação, capaz de atividade científica e criação poética; apresenta uma noção de verdade, proposta como conhecimento aproximativo do real; se interessa pela lógica da descoberta científica, encarada como polêmica contra o erro e tarefa de retificação permanente de um saber inacabado. Desse modo, Bachelard “exige da filosofia uma **reforma** de suas noções fundamentais, para estar em condições de **pensar** a novidade das ciências contemporâneas”²³.

O exame da epistemologia racionalista crítica de Popper, põe em relevo, de imediato, as relações entre ciência e filosofia: discutindo os critérios de verificação experimental nas ciências: “como qualquer outra teoria, a teoria política deve ser **testada** no contato com os fatos”²⁴. A epistemologia desse filósofo coloca em primeiro plano a questão do valor das teorias científicas, contribuindo para solucionar os problemas de (...) **demarcação** entre ciência e metafísica (...) e de indução e de seu valor para a ciência”²⁵.

O estudo de Japiassú a respeito de Popper enfatiza o exame das teses centrais de sua epistemologia, tais como a teoria da refutabilidade; a da validação intersubjetiva do saber científico; a do terceiro mundo; a tese do **primado** metodológico do problema. Comparando as epistemologias de Popper e Bachelard, nosso filósofo explicita pontos de concordância entre si: ambas “caracterizam-se por serem(...) **críticas e polêmicas**(...) ambas(...) estão fundadas no princípio(...) segundo o qual(...) a ciência só nos fornece um conhecimento **provisório** (Popper) e **aproximado** (Bachelard), (...) está em constante **modificação** (Popper) ou (...) **retificação** (Bachelard)”²⁶.

A verdade como algo afirmado a partir de uma crítica intersubjetiva, realizada pelos cientistas; como uma conquista, uma interpretação (Popper) ou uma construção (Bachelard); como resultado de uma lógica da descoberta (Popper), uma superação de obstáculos (Bachelard), também é outro ponto de similaridade entre Popper e

Bachelard, estabelecido por Japiassú. Outro aspecto importante dessa aproximação, que o pensador brasileiro pôs em destaque, foi a contestação da epistemologia positivista levada a efeito por Bachelard e Popper, quando estes se recusam a “separar a **comprovação** dos fatos da **elaboração teórica** de que os fatos científicos extraem seu **sentido**”²⁷.

O estabelecimento desses pontos de acordo entre pensadores exponenciais da filosofia contemporânea é, a nosso ver, um dos méritos de Japiassú. Seus textos são ricos de sugestões para o aprofundamento desse tipo de estudo. Esse aprofundamento é levado a efeito pelo próprio Japiassú, no “Apêndice” que se encontra em **Para Ler Bachelard**²⁸.

Esse “Apêndice” tem por subtítulo “ruptura epistemológica”; é em torno desse tema que nosso filósofo retoma o paralelismo entre Bachelard e Popper, aproximando-os das teses de Kuhn, apresentadas no **A Estrutura das Revoluções Científicas**²⁹.

A apresentação das teses centrais da epistemologia arqueológica de Foucault é seguida de uma discussão dos limites das análises feitas pelo pensador francês. Essa discussão mostra que, fazendo a crítica das diversas epistemes, Foucault adota o ponto de vista da episteme clássica da representação, uma vez que a sua filosofia” (...) visa a propor ao leitor uma **representação**, um quadro do saber (...), embora pretenda (...) ser mais **rigoroso** e **previsto**³⁰. Japiassú evidencia também que Foucault reduz o campo epistemológico “ao estudo de três positivities: vida, trabalho e linguagem”³¹, negligencia a totalidade da cultura; “o que mais se poderia contestar a Foucault é que, para ele, as ciências humanas **não falam do homem**”³². Na verdade, a crítica de Foucault ao conceito de homem da filosofia atual, discute, segundo Japiassú, a imagem tradicional de homem apresentada pelo humanismo clássico. A epistemologia de Foucault revela-se, para nosso autor, uma epistemologia ambígua, que exclui o homem real, “para considerá-lo apenas como conceito (...) ele ignora por completo que o homem é (...) o sujeito da história”³³.

Se os problemas das epistemologias histórica e genética são as questões do homem e da verdade, e o problema da epistemologia arqueológica é o dos níveis de constituição do saber, o fulcro da questão, na epistemologia crítica, é o problema **ético**.

Para que a filosofia possa exercer seu papel, o de “fornecer os primeiros princípios e fundamentos de uma ciência do homem real”, deve tentar abrir-se às conquistas das ciências “sair da caverna filosófica universitária meramente acadêmica”³⁴. “O filósofo deve ser um homem de seu tempo”³⁵; deve refletir, para buscar responder qual é o lugar da ciência na

vida humana, levando em conta, nessa reflexão, as conquistas da psicologia, da psicanálise, da sociologia, entre outras ciências; deve indagar a respeito do ser, optando por uma atitude antropocêntrica ou não.

A filosofia, numa epistemologia crítica, tem caráter eminentemente interdisciplinar: deve “colaborar com as ciências humanas”, buscando um denominador comum para o conceito de homem; deve tornar possível a crítica “dos fundamentos das ciências humanas”³⁶. “O papel da filosofia consiste(...) em se apresentar como **instância crítica** no interior da **démarche interdisciplinar**”³⁷.

A apresentação, por Japiassú, das diferentes epistemologias, tem o sentido — como dissemos — de revelar a epistemologia contemporânea “como uma tentativa eminentemente interdisciplinar (...) lançando pontes entre as diversas ciências (...) fazendo um esforço de coordenar suas informações no sentido de uma ‘convergência’ dos pontos de vista, dos métodos, dos conceitos, das teorias e dos resultados”³⁸.

Recusando as epistemologias anti-humanistas, nosso pensador enfatiza o valor humano que todo saber deve buscar. Cabe à filosofia manter aberto esse espaço de reflexão, onde o rigor não significa negação do homem, mas promoção de ser.

4. A EPISTEMOLOGIA INTERDISCIPLINAR

Encarar a filosofia como ciência interdisciplinar parece constituir o núcleo do pensamento de Japiassú, resumindo em **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Essa questão é o fulcro do livro **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, que retoma e retifica parte da tese de doutorado de nosso pensador.

Por outro lado, estudos publicados em 1975, **Introdução à Epistemologia de Psicologia**³⁹ e **O Mito da Neutralidade Científica**, mostra o aprofundamento da mesma temática.

A interdisciplinaridade aparece, na obra de Japiassú, como uma exigência da epistemologia interna das ciências humanas, a fim de elucidar o seu diálogo e auxiliar a superação do caráter fragmentário que elas apresentam hoje. Deve tratar, essa epistemologia, de elaborar um método que torne possível evidenciar os pontos de convergência dessas disciplinas. A abordagem interdisciplinar favorece o intercâmbio entre os cientistas, formando a crítica recíproca mais rigorosa e as aquisições mais fecundas; assegura uma compreensão mais refinada do próprio campo do saber, por parte dos diferentes cientistas, ao questionar os pressupostos e

as implicações da ciência e ao explicitar as bases epistemológicas em que se apóiam os diferentes tipos de saber. A interdisciplinaridade **responde** à demanda de um saber unificado, por parte tanto dos cientistas quanto dos profissionais, dos estudantes e das próprias universidades; **justifica-se** pela eficácia e economia que promove nas pesquisas científicas, cada vez mais complexas.

Contra o positivismo considerado por Japiassú, “o grande responsável por essa situação de fragmentação das ciências do homem, na verdade em que (...) limita enormemente o campo das disciplinas e que reduz seu domínio (...) aos fenômenos observáveis (...) e não consegue outra coisa senão descobrir um conjunto de leis funcionais (...) Uma conseqüência dessa atitude intelectual é que fica excluída (...) toda e qualquer metodologia interdisciplinar”⁴⁰. Contra o positivismo, faz-se necessária e vigilante retificação dos conceitos comuns às diversas ciências do homem: o exame das suas fronteiras e métodos; a comparação, confronto e integração desse corpo de conhecimentos; a cooperação entre os diferentes ramos do saber. Há graus diversos de colaboração entre cientistas e pesquisadores de diferentes campos; o estabelecimento de uma efetiva interdisciplinaridade supõe, por causa disso, que os diversos esquemas conceituais possam convergir, sendo comparados e julgados⁴¹.

Um estudo interdisciplinar, no âmbito das ciências humanas, deve evidenciar o diálogo entre o homem e o mundo, sua interdependência dinâmica.

5. OBSTÁCULOS AO PAPEL INTERDISCIPLINAR DA FILOSOFIA

Inspirando-se em Gusdorf e em Bachelard, Japiassú indica dois tipos de obstáculos ao papel interdisciplinar da filosofia: de um lado, **as aproximações imperfeitas** à constituição de um saber interdisciplinar, que representam tentativas importantes, mas que é necessário superar; de outro, os chamados **obstáculos epistemológicos**, que consistem em: a) as **resistências**, apresentadas pelos cientistas para uma integração criadora, entre disciplinas diferentes; b) a **inércia** das instituições, que valorizam o conhecimento sancionado, repetindo-o de modo não-criador e enfatizando a fragmentação e compartimentação do saber; c) a **pedagogia**, quando acentua a rigidez das fronteiras entre os diversos campos do saber; d) a **não-discussão** das relações atuais entre ciências humanas e ciências naturais⁴².

O conceito de **obstáculo ao interdisciplinar**, criado por Japiassú, foi inspirado na noção de **obstáculo epistemológico** de Bachelard⁴³.

Esse conceito é o fio condutor da análise que nosso filósofo faz do problema da patologia do saber.

Japiassú indica o positivismo como “o grande **veículo e o suporte** fundamental dos obstáculos epistemológicos ao conhecimento interdisciplinar”⁴⁴, em virtude da radical distinção que propõe, entre o campo do saber científico e o da não ciência, o que levaria essa corrente filosófica a resistir às constantes ultrapassagens das fronteiras estabelecidas do saber. O positivismo apresenta-se, assim, na obra de nosso autor, como uma causa de **inércia** e em virtude de seu caráter analítico e de sua pretensão à objetividade para, como responsável pela **divisão estanque** das disciplinas científicas em nossa universidade atual⁴⁵.

As aproximações imperfeitas à interdisciplinaridade podem ser encontradas: a) na **interdisciplinaridade heterogênea**, de caráter enciclopédico, cujo erro se torna evidente pelo resultado que produz: a integração entre as disciplinas mostra-se superficial e ingênua, imobilista; b) na **pseudo-interdisciplinaridade**, que consiste na utilização de conceitos ou modelos tidos como membros, tais como os modelos matemáticos. Tais instrumentos, entretanto, não induzem a uma efetiva integração, dada a diversidade da ciência atual; c) na **interdisciplinaridade auxiliar**, que “consiste, essencialmente, no fato de uma disciplina tomar de empréstimo a outra seu método os seus procedimentos”⁴⁶. O caráter ocasional desse tipo de interdisciplinaridade limita sua utilização ampla e, até mesmo, seu alcance; d) na **interdisciplinaridade compósita**, que consiste em reunir diferentes especialistas para solucionar problemas comuns; sua imperfeição consiste na associação por aglomeração, que não integra métodos ou conceitos das diferentes disciplinas.

Terceiro obstáculo à instauração de um saber interdisciplinar reside na **crise das ciências humanas**. Nosso autor ilustra essa crise mostrando que evolução histórica das ciências humanas pode ser dividida em três etapas, expressando, cada qual, um modo diverso de encarar o conceito de homem: a concepção clássica; a cristã medieval; a moderna.

A primeira encara a **razão** como a essência do homem e o interesse principal das ciências consiste em compreender o mundo. A segunda, enfatiza o destino transcendente do homem e seu interesse primeiro reside na procura de Deus. A terceira é aquela na qual se instaura a crise, pela negação da possibilidade de um conhecimento unitário do homem. A filosofia torna-se antropocêntrica, privilegiando temas humanistas.

A partir do século passado, sob a influência do positivismo, surgem ciências experimentais que tratam do homem: a biologia, a psicologia, a história. E ressurgem a pergunta: quem é o homem? As filosofias do sujeito mostram-se inconsistentes para desvendar o mistério do homem;

por sua vez, "o modelo das ciências naturais se revela insuficiente e inadaptado para o estudo do homem"⁴⁷.

A dificuldade em se obter, no campo das ciências do homem, uma resposta satisfatória a essas questões é, pois, um obstáculo a ser superado, para ser possível a contribuição de um saber interdisciplinar.

Como o autor tenta resolver esses problemas, é o que veremos a seguir.

6. A SUPERAÇÃO DOS OBSTÁCULOS AO PAPEL INTERDISCIPLINAR DA FILOSOFIA

O saber interdisciplinar só pode ser constituído de modo eficaz se, nos diferentes campos das ciências, os pesquisadores dominaram a teoria do conhecimento, a metodologia e a epistemologia, "tornando viável o desenvolvimento de pontes epistemológicas nessa vasta esfera"⁴⁸. Essas pontes serão possíveis na medida em que cada especialista souber o alcance dos métodos que emprega, e confronte os resultados obtidos com os de outras ciências; na medida em que cada especialista, reconhecendo o caráter parcial do próprio campo de saber, buscar conhecer outras disciplinas, afins ao seu próprio campo, "porque precisa saber onde tomar de empréstimo quando tiver necessidade de dados ou de instrumentos para sua própria pesquisa"⁴⁹. Será necessário, ainda, que diferentes especialistas ataquem problemas comuns, mediante um trabalho em equipe, que conduz à construção de uma pesquisa integrada teórica, isto é, "uma obra coletiva que nasce de um diálogo crítico entre iguais"⁵⁰.

Japiassú enfatiza, num primeiro momento de seus trabalhos, a metodologia interdisciplinar. Trata, por isso, de detalhar, neste nível, a discussão de como superar obstáculos ao saber interdisciplinar.

Essa primeira etapa implica a "constituição de uma equipe de trabalho"⁵¹, porque nenhum indivíduo pode realizar sozinho a interdisciplinaridade, devido à crescente especialização dos diferentes campos do saber; a segunda, exige o "estabelecimento dos **conceitos-chaves** do empreendimento comum"⁵²; a terceira, o "esclarecimento da **problemática da pesquisa**"⁵³; a quarta etapa, "consiste na **repartição das tarefas**"⁵⁴, que cabe aos diferentes pesquisadores, delimitando seu campo de atuação; a quinta etapa, consiste na análise que permite estabelecer os pontos comuns, as interconexões dos resultados obtidos pelos diferentes cientistas⁵⁵.

O saber assim constituído conduz a uma nova inteligência, a uma nova pedagogia, um novo conceito de homem, a uma revolução epistemológica.

A nova inteligência, faz do cientista o homem do diálogo, que rompe com o confinamento no campo científico que escolheu; é inspirada por uma atitude de vigilância epistemológica, que faz "cada especialista (...) abrir-se às outras especialidades diferentes de sua (...)"⁵⁶.

A nova pedagogia, opõe-se à compartimentação do saber insistindo na solidariedade entre os diferentes ramos das ciências.

O novo conceito de homem, seria fundado em uma antropologia filosófica, que serviria de eixo coordenador dos diversos campos de saber, integrando seus resultados.

A revolução epistemológica adviria da recusa das crenças na **neutralidade** e na **perfeita objetividade** da ciência, pondo à luz "que não há conhecimento sem pressupostos"⁵⁷.

O estabelecimento de um objeto comum às diferentes ciências colaborantes; o papel de instância crítica, que impede a hegemonia de uma ciência sobre as demais e favorece a compreensão da unidade do objeto das ciências humanas; o esforço de indicar os pontos de convergência, os possíveis denominadores comuns dos resultados das diversas ciências, mediante uma reflexão sobre interdisciplinar.

7. CONCLUSÃO: O SIGNIFICADO DE UMA EPISTEMOLOGIA NÃO-POSITIVISTA NO ATUAL PENSAMENTO BRASILEIRO

Em resumo, podemos assinalar como características da filosofia interdisciplinar e da epistemologia não-positivista de Japiassú:

a) a **concepção da ciência como um saber não-neutro**. O autor procura mostrar os perigos do "mito da 'neutralidade axiológica' em matéria de ciência"⁵⁸;

b) a **recusa de um sistema único da ciência**, porque, segundo nosso filósofo, "não podemos aceitar a idéia de que haja um sistema único de ciência, mas tantos sistemas quantos forem os objetivos"⁵⁹;

c) a **distinção e a independência das ciências humanas, quanto às ciências da natureza**. Japiassú afirma: "Parece-nos incontestável (...) que a finalidade do homem não pode mais coincidir com a finalidade da natureza, nem tampouco estar na dependência exclusiva daquilo que a ele possam dizer as ciências. Essa posição se opõe radicalmente à do positivismo (...)"⁶⁰.

d) a **afirmação de que não existem fronteiras rígidas entre os diferentes campos do saber** e que, em conseqüência, o saber não pode ser compartimentado. Donde a necessidade de uma reflexão interdisciplinar,

como podemos constatar, no texto: "Não podemos alimentar ilusões: ainda está por ser construída uma teoria interdisciplinar"⁶¹. O autor assinala, ainda, dentro do saber contemporâneo, os caminhos que despontam nessa direção filosófica: a teoria geral dos sistemas, a hermenêutica, a praxiologia⁶²;

e) a **proposta de um novo conceito de homem**, que sirva de base e conhecimento integrado do humano, por parte das ciências. Conforme diz o nosso filósofo: "Considerando o desenvolvimento científico-técnico em seu conjunto, somos levados a fixar-lhe um objetivo regulador (...). Este objetivo poderia ser, por exemplo, uma **nova concepção do homem**"⁶³.

Esses temas, que constituem o fio condutor da meditação de Japiassú, marcam a sua tese de doutorado e se desdobram nos escritos posteriores a ele: **Introdução ao Pensamento Epistemológico, O Mito da Neutralidade Científica, Epistemologia de Psicologia, Nascimento e Morte das Ciências Humanas**.

Podemos afirmar, por isso, que a reflexão em torno da filosofia, compreendida como fundamento de um saber interdisciplinar, constitui a intuição original do nosso autor, e que todo o seu pensamento epistemológico tem sido, até agora, a explicitação e o aprofundamento dessa mesma intuição, no âmbito de uma epistemologia das ciências humanas.

Num país de arraigada tradição positivista,⁶⁴⁶⁵, o alcance dessa meditação é inegável. Constitui uma revolução, no campo da epistemologia, que só encontra paralelo na renovação da metafísica de inspiração fenomenológica ou heideggeriana, que vêm realizando autores como Maria do Carmo Tavares de Miranda e Ernildo Stein, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

- Hegenberg, L., "A Lógica e a Filosofia da Ciência no Brasil", in Crippa, A. (org), **As Idéias Filosóficas no Brasil no século XX, parte II**, SP, Convívio, 1978, pp. 143 – 201.
- Japiassú, H., **Introdução à Epistemologia da Psicologia**, RJ, Francisco Alves, 1975.
- Japiassú, H., **O Mito da Neutralidade Científica**, RJ, Imago, 1975.
- Japiassú, H., **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, RJ, Imago, 1976.
- Japiassú, H., **Introdução ao Pensamento Epistemológico**, RJ, Francisco Alves, 2ª ed., 1977.

- Japiassú, H., **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**, RJ, Francisco Alves, 1978.
- Japiassú, H., **A Psicologia dos Psicólogos**, RJ, Imago, 1979.
- Lins, I., **História do Positivista no Brasil**, SP, Nacional, 1967.
- Marcondes César, C., "O conceito de Ciência em Gaston Bachelard", RJ, **Presença Filosófica**, janeiro — março, 1979, nº 1, pp. 42 — 55.
- Paim, A., **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, SP, EDUSP/Grijalbo, 1974.
- Paim, A., **O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro**, RJ, Tempo Brasileiro, 1979.
- Piaget, J., **Logique et Connaissance Scientifique**, Paris, Gallimard, 1969.
- Pinheiro Machado, C., **A Filosofia no Brasil**, SP, Cortez & Moraes, 1977.
- Ricoeur, P., **Interpretação e Ideologias**, RJ, Francisco Alves, 1977.
- Vita, L. W., **Panorama da Filosofia no Brasil**, P. Alegre, Globo, 1968.

NOTAS

- (1) Hilton Japiassú, **Introdução ao Pensamento Epistemológico**, RJ, Livraria Francisco Alves Ed. S.A., 2ª edição, 1977, pp. 28, 29.
- (2) Idem, *ibidem*, p. 10.
- (3) Idem, *ibidem*, p. 11.
- (4) Idem, *ibidem*, pp. 11 — 12.
- (5) Idem, *ibidem*, pp. 15 — 16.
- (6) Idem, *ibidem*, p. 17.
- (7) Idem, *ibidem*, p. 19.
- (9) Constança Marcondes Cesar, "O Conceito de Ciência em Gaston Bachelard", RJ, **Presença Filosófica**, janeiro — março 1979, nº 1, pp. 42 — 55.
- (10) Paris, Gallimard, 1969.
- (11) Japiassú, *op. cit.*, p. 23.
- (12) Idem, *ibidem*, p. 29.
- (13) Idem, *ibidem*, p. 39.
- (14) Idem, *ibidem*, p. 55. Ver também do mesmo autor, **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, RJ, Imago, pp. 67 e ss.
- (15) Idem, **Introdução ao Pensamento Epistemológico**, p. 58.
- (16) RJ, Imago, 1975.
- (17) ver referência nota (14).
- (18) RJ, Livraria Francisco Alves, Ed. 1978.
- (19) Paul Ricoeur, **Interpretação e Ideologias**, RJ, Livraria Francisco Alves Ed., 1977, pp. 1 — 13.

- (20) Hilton Japiassú, **Introdução ao Pensamento Epistemológico**, p. 60.
- (21) Idem, *ibidem*, p. 138.
- (22) Idem, *ibidem*, p. 143.
- (23) Idem, **Para Ler Bachelard**, RJ, Livraria Francisco Alves Ed., 1976.
- (24) Idem, *op. cit.* in (20), p. 85.
- (25) Idem, *ibidem*, p. 93.
- (26) Idem, *ibidem*, p. 107.
- (27) Idem, *ibidem*, p. 109.
- (28) *op. cit.* (23).
- (29) *op. cit.* (23), pp. 133 – 135.
- (30) *cf. op. cit.* in (20), p. 128.
- (31) Idem, *ibidem*.
- (32) Idem, *ibidem*, p. 129.
- (33) Idem, *ibidem*, pp. 133 – 134.
- (34) Idem, *ibidem*, p. 165.
- (35) Idem, *ibidem*, p. 166.
- (36) Idem, *ibidem*, p. 175.
- (37) Idem, *ibidem*, p. 180.
- (38) Idem, *ibidem*, p. 182.
- (39) RJ, Francisco Alves.
- (40) Idem., **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, p. 62.
- (41) Idem, *ibidem*, p. 75.
- (42) Idem, *ibidem*, p. 93.
- (43) Idem, *ibidem*, p. 96.
- (44) Idem, *ibidem*.
- (45) Idem, *ibidem*, pp. 101 – 102.
- (46) Idem, *ibidem*, p. 80.
- (47) Idem, *ibidem*, p. 179.
- (48) Idem, *ibidem*, p. 104.
- (49) Idem, *ibidem*, p. 105.
- (50) Idem, *ibidem*, p. 109.
- (51) Idem, *ibidem*, p. 125.
- (52) Idem, *ibidem*, p. 127.
- (53) Idem, *ibidem*, p. 131.
- (54) Idem, *ibidem*, p. 133.
- (55) Idem, *ibidem*, pp. 134 – 135.
- (56) Idem, *ibidem*, p. 138.
- (57) Idem, *ibidem*.

(58) Idem, ibidem, p. 69.

(59) Idem, ibidem.

(60) Idem, ibidem.

(61) Idem, ibidem, p. 81.

(62) Idem, ibidem, pp. 90 e 96.

(63) Idem, ibidem, p. 141.

(64) Ivan Lins, *O Positivismo no Brasil*, SP, Ed. Nacional, 1967.

(65) Leônidas Hegenberg, "A Lógica e Filosofia da Ciência no Brasil", in *As Idéias Filosóficas no Brasil, parte II*, SP, Convívio, 1978, pp. 143 — 201.